

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Zuquete, Ricardo, 1963-

La grande bellezza : desde um título de Paolo Sorrentino

<http://hdl.handle.net/11067/7698>

<https://doi.org/10.34628/28wc-rs65>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T10:41:58Z com informação proveniente do Repositório

“La grande bellezza” **desde um título de Paolo Sorrentino**

Ricardo Zuquete

DOI: <https://doi.org/10.34628/28wc-rs65>



El Esclavo Atlante - La G.Academia de la Florencia

“Há homens que lutam um dia e são bons, há outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons, mas há os que lutam toda a vida e estes são imprescindíveis.”

Bertolt Brecht

Prefácio

“Grande Beleza” – Filme de Paolo Sorrentino a retratar a vida de um escritor, figura criativa incapaz de voltar ao seu talento deixa-se perdido pela vida mundana e sedutoramente banal que encharca um elegante quotidiano vazio, frugal, numa insistente decadência social na Roma contemporânea, cujo *esqueleto histórico* retrato de valores belos dos princípios Renascentistas que contrastam com essa existência banalizante. Esse criador de “textos” anda por aqui perdido, numa elegância pueril, numa impossibilidade da *Grande Beleza*. Nunca é explícito esse valor supremo da Beleza, num mundo fascinado pelo Hedonismo, mas longe da dimensão da Moral do “Prazer Franco” que o próprio Epicuro defendia (Bonnard, A. p 63/64).

Esta “Figura criativa” podia bem ser o *Arquitecto contemporâneo* europeu; perseguidor do desenho do *bom gosto fácil* do Neo-Racionalismo, à imagem dos *sites* consensuais de projectos recentes, coerente com as últimas tendências e dedicado ao “*business plan*” dos investidores, à sofreguidão do lucro para o prazer accionista; estes são os padrões da *Beleza* na arquitectura contemporânea, sobrando algumas “estrelas” sem custos ou limites para projectar, ou pequenos projectos à margem do “mainstream” da profissão. Um *vazio de elegância* bem desenhada determinado pela dimensão dialógica da profissão, regulada pelo poder empresarial e a quase ausência da “Obra Publica”, vital que foi para o papel social do Arquitecto desde o pós-guerra. A esse dever social do Arquitecto, reduzido quase à insignificância, tem que se acrescentar a ética da profissão ligada a um dos sectores mais poluentes que é a construção. Da emergência de soluções técnicas e criativas na Arquitectura está dependente o futuro sustentável, não só do ponto de vista ambiental, mas também na refiguração de um outro espaço urbano mais qualificado. Não será o “desenho projectado”, nem a única vontade da *figura criativa do Arquitecto* que irá reorganizar esse futuro, mas determinações políticas, macroeconómicas, redefinições culturais e sociais, como dizem investigadores e relatórios das Nações Unidas, *num choque maior do que fomos capazes de fazer depois de 1945*, no pós-guerra mundial.

O Arquitecto deverá ser um dos pensadores e o *desenhador* dessa realidade refigurada de futuro.

“A bandeira do pão terrestre”

Atenas, pelo final do séc. IV, o estado distribuía alimentos num Império falido e em ruína sem conseguir pagar a quem trabalhava. Esses desempregados imigravam para se juntarem às tropas que vagueavam pelos restos do mundo helénico que fora a maior referência civilizacional. Platão já descrevia na *República* esse avanço do mal. Nesses tempos de decadência surgem novos deuses; deuses e crenças de desespero. A deusa *Tyché*, cujo nome significa acaso, é a divindade que torna nobre esta nova ideia de um mundo aventureiro e inseguro, já distante da antiga sociedade das leis estáveis, da ciência ou cultura.

É neste cenário desolador, de um fim anunciado, que surge Epicuro. A sua filosofia era realisticamente humana e longe do idealismo platónico, um pensamento severo que com grande serenidade oferecia resposta humana e nobre aos enunciados de Platão. André Bonnard¹, nessa sua obra exemplar sobre o Helenismo, que *sabe oferecer* a história com uma escrita humanizada, diz que *“história não conclui: continua”*, e assim escolheu um *“homem exemplar desse período histórico e ao mesmo tempo companheiro de caminhada para o século presente”*. Escolheu Epicuro, que diz: *“não quis ser mais do que um amigo para os homens do seu tempo. Que ele seja também amigo nosso!”* (Bonnard, A. p359)

A polémica do epicurismo e da sua doutrina talvez seja das mais marcantes para os contemporâneos, porque no *“correr do tempo”* ofereceu aos homens o materialismo, visto por alguns como coisa *“demoníaca e grosseira”* (Bonnard, A. 72, p360). Para outros é quase um deus, que libertou o homem de superstições e temores; um libertador da estupidéz humana que infligia ao homem esses temores e sofrimentos, deixando-lhes a ideia de tranquilidade e simplicidade pelo prazer das coisas mundanas e acessíveis, dos prazeres simples vindos do mundo material que os rodeava.

Sobre essa angústia e sofrimento do homem, Platão *“transferia a esperança humana para o além, mostrando que as almas, depois de terem sido julgadas, recebiam a recompensa da sua própria justiça, a menos que sofressem o castigo pela sua injustiça e fossem repelidas para nova existência terrestre, quer num corpo humano, quer no corpo de um animal”* (Bonnard, A. 72, p367) Epicuro considera demasiado distantes dos homens estas soluções de Platão e que era demasiado tarde para idealismos e falsas representações do mundo. E quanto à reforma da sociedade tam-

bém era demasiado tarde, no tempo de Platão talvez, mas no seu tempo já não acreditava na salvação colectiva da sociedade, só na salvação individual de cada um, sem falar de progresso ou justiça social, porque isso tinha dado tão mau resultado. Epicuro reconhece um grande recuo, e Bonnard afirma: *“Trata-se, sem dúvida, de um grande recuo do pensamento grego, da civilização grega, que tinha partido à conquista do progresso em todos os domínios. Mas a pressão da miséria e do sofrimento é demasiado forte. Os homens querem, simplesmente, cada um, e agora, ser salvos. Epicuro acode ao mais urgente: levanta o que Dostoievski chama “a bandeira do pão terrestre.”*

A felicidade do além prometida por Platão pouco interessava na doutrina de Epicuro, era a terrestre que oferecia, longe de imortalidade e salvação prometida, o que julgava demasiado fácil; queria ensinar a felicidade próxima e tangível na vida de todos os dias, mais modesta, mas que se *“possa segurar nas mãos”*. (Bonnard, A. 72, p368)

E já agora, existe no epicurismo *“uma verdade”*, sobre a qual a sua doutrina reflecte, que parece tremendamente actual; *“Para encontrar e dar a felicidade, é preciso primeiro compreender que os homens são muito infelizes e a razão por que o são. Porquê? Porque têm medo. É preciso expulsar esse medo, essa angústia permanente alojada no fundo de cada ser humano. Quando o medo tiver sido desalojado por uma visão mais justa da realidade, então a felicidade poderá nascer. Uma felicidade modesta (...), mas certa.”* (Bonnard, A. 72, p369)

Intertextuality & scale

Recuperando Mikhail Bakhtin² e a sua visão unitária de toda a área das ciências humanas numa análise epistemológica feita a partir da compreensão do seu contexto cultural e social, entendia Bakhtin, nos seus ensaios sobre *“The Dialogical Principle”*, que a produção humana de *textos*, enquanto processo expressivo intencional e narrativa de conhecimentos nas várias áreas da narração e criatividade humanas, era baseada *“na identidade das suas matérias”*, sendo que a multiplicidade formal desses *textos*, o seu conteúdo e a análise do seu contexto, organizaria uma *“dimensão dialógica”*, analisando os vários *textos* como respostas estéticas, cognitivas e éticas em simultâneo. Esta *“resposta”*, que o texto como objecto configura, ultrapassa a sua *dimensão formal*, e reconhece a *compreensão* (“understanding”) do seu *contexto*, susten-

título gerador de uma *resposta*, a que Bakhtin chamou, “responsive understanding.”³

A sua análise procurava as fronteiras ou pontos de intersecção, junções entre linguística, filologia, literatura ou outra qualquer área, como se o importante não fora o “texto” como objecto, nem a sua simples leitura, mas o diálogo entre estas fronteiras, que compreende a *resposta* e revela uma dimensão “intertextual” - “*The Dialogical Principle*”.

Sobre esta dimensão, ou lugar entre textos, refere:

“A transcrição do pensamento nas ciências humanas é sempre a transcrição de um diálogo particular: as complexas inter-relações entre o *texto expressivo* - objecto de estudo e reflexão - e a moldura contextual criada a partir da qual a avaliação e conhecimento do investigador acontece. Este é o encontro de dois textos - do “*ready made*” e do “*texto reactivo*” a ser gerado - e, conseqüentemente, o encontro de dois temas e dois autores.”⁴

Sobre o texto como ponto de partida e princípio para um estudo, refere ainda:

“O *texto* - escrito ou oral- é a primeira dádiva de todas estas disciplinas e de todo o pensamento nas ciências humanas e filosofia em geral (...). O *texto* é a realidade não mediada (realidade do pensamento e experimentada), a única a partir da qual estas disciplinas e estes pensamentos podem e emergem. Onde não há texto, não há objecto de estudo nem objecto de pensamento. Para além dos objectivos da investigação, o único ponto de partida é o *texto*.”⁵

O objecto privilegiado do seu estudo revela-se no que chamou “*the human utterance*”, como um produto simultaneamente revelador de uma linguagem de autor e da sua interacção com o contexto específico a essa *expressão*. O encontro entre os dois textos a que se referia (do *ready made* e do texto a ser gerado), torna-se na *expressão* de um locutor em interacção com um conjunto de interlocutores, produto de “um todo” complexo social em que acontece.

Desde o início que todo o discurso, sendo intencional ou não, estabelece *diálogo* com discursos anteriores sobre o mesmo tema, bem como, com discursos a existir e cujas reacções são previsíveis. Assim, a *expressão humana* não é meramente individual, o que lhe confere uma dimensão dialógica intertextual. Esta “*realidade intertextual*” que dizia válida para além da literatura, para qualquer texto de qualquer discurso, obrigou-o a esboçar uma interpretação própria de cultura: “consiste no

discurso retido pela memória colectiva (os lugares comuns e estereótipos, tanto como as palavras excepcionais), discursos em relação aos quais, qualquer assunto tem que se situar".⁶

Com quase um século, o *princípio dialógico* de Bakhtin, coexiste num mundo globalizado, de referências transversais e rarefeitas longe de pensamentos estratificados e organizados sectorialmente. Convive nessa "*Fuidez da ambivalência*" de Zygmunt Bauman, da "*Universalidade do desenraizamento*"⁷ (Bauman p.75), onde nenhum indivíduo, e por consequência nenhum "texto" pode ser "*firmemente situadas num único subsistema da sociedade, onde apenas uma combinação constituem a plenitude do seu processo de vida*", por outras palavras, será sempre um "*estranho parcial*", e nunca sendo "*nativo*" de nenhum subsistema (p 105). Voltando ao conceito da "*realidade intertextual*" de Bakhtin, do "diálogo entre estas fronteiras, que compreende a *resposta* e revela uma dimensão "*intertextual*", aos dias de hoje, tem uma dimensão e complexidade incomensurável. A compreensão da narrativa humana – *textos* - baseada na "*identidade das suas matérias*", parte de um contexto cultural de multiplicidade global, tornando essa narrativa, enquanto mecanismo cultural expressivo, tão complexa que o seu conteúdo torna-se impossível de entender, sendo pouco possível qualquer análise completa ao seu contexto, desde logo pouco possível de enquadrar ou referenciar. Ou então será uma narrativa fragmentada, desreferenciada, como uma sucessão de imagens apelativas, cuja sedução aparece como *resposta compreensiva, que nunca será*. A *dimensão dialógica*, existirá, e é mais relevante e vital do que nunca foi, mas de leitura impossível à compreensão humana, incapaz de sistematizar, organizar qualquer análise aos vários *textos* como "*respostas estéticas, cognitivas e éticas em simultâneo*".

É neste imenso processo dialógico, de incomensuráveis *intertextualidades* que se "desenha" a Arquitectura contemporânea. *Desreferenciada* segue o traço da expressão corrente, do *bom gosto* dominante, da forma de expressão – "*Utterance*"- em uso. Como descrevia Bakhtin, *Utterance* era a expressão final de um autor num *texto expressivo* enquanto "*objecto de estudo e reflexão*", e a moldura contextual criada a partir da qual a avaliação e conhecimento do narrador acontece. O dito "encontro de dois textos - do "*ready made*" e do "*texto reactivo*" a ser gerado - e, conseqüentemente, o encontro de dois temas e dois autores." Agora o autor da *narrativa projectada* organiza o seu processo expressivo – texto – desde referências de imagens, sem lugar referenciável, sem contexto

compreensível, numa ambivalência própria da contemporaneidade: A Arquitectura pensa-se, desenha-se e organiza-se pela imagem do *bom gosto* comum.



Imperfect Circle No. 2 (Yellow) 1973

"Imperfect circle"

Habitar renovado/Novo Regionalismo

Seja pela incomensurável escala da *"realidade intertextual"* de Bakhtin, ou pela *"Fluidez"* de Bauman, um factor totalmente alterado, nos últimos trinta anos da globalização, é a relação Espaço/Identidade, relativamente à qual todos os processos referencias e identitários se desarticularam. Sobre esta relação debatia Henri Lefebvre em vários escritos, onde releva o que chama *"Espaço social"*, ou o espaço como produto social⁸: "(...)é quando o espaço social se deixa de confrontar com o espaço mental(definido pelos filósofos e matemáticos), com o espaço físico (definido pelo prático-sensível e pela percepção da natureza), que a sua especificidade se revela (Lefebvre, 1986, p36) Para Lefebvre, a produção de espaço significa a observação e consciência das práticas sociais que

constituem esse espaço, longe de “*codificações ou descodificações*”, importa reconhecer e interpretar as práticas sociais como conteúdos inerentes às formas da cidade.

A dimensão realista das “práticas sociais”, longe de “*codificações ou descodificações*”, mais de acordo com um realismo social e humanizado, é a proposta de Lefebvre para o novo lugar social das cidades. Um “regresso” ao local, à cidade onde habitamos, ao seu bairro, ao universo relacional da intertextualidade de Bakhtin, onde o “Ready made”, o “Texto reactivo” possam recuperar escala de valores.

Uma interação entre os valores Globais e o sentido do Local, como propõe o investigador e Professor Miguel Seabra na sua investigação para doutoramento que tive o prazer de Co-orientar.⁹

Neste extraordinário trabalho de investigação, “Narrativas de Regionalidade - Itinerários de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa”, parte da inquirição das suas duas grandes correntes; por um lado, as investigações de cariz historiográfico – alicerçadas, sobretudo, nos contributos de Lewis Mumford – de Liane Lefavre e de Alexander Tzonis e, por outro, o aparato característico do projecto teórico-crítico de Kenneth Frampton.

Sobre o papel do Regionalismo na crítica e *projectação* da Arquitectura moderna portuguesa, Miguel Seabra sugere a possibilidade crítica da continuidade deste processo interpretativo e dialógico como resposta diferenciada por oposição ao traço globalizante da arquitectura actual:

“O Regionalismo, no qual se inclui o Crítico, tem uma longa história e é parte integrante de um vasto e complexo todo da Modernidade, nomeadamente, pela negociação entre o particular e o universal. O Regionalismo Crítico é essencialmente um conjunto de etapas e de procedimentos críticos e não mais um *-ismo* de catalogação de práticas individuais ou de Escolas de Arquitectura. O Regionalismo (Crítico) considerado como modelo teórico-crítico de observação permite revelar a instrumentalidade da Forma-do-Lugar – exercitada de modo ascendentemente ou descendentemente (...)de um incessante processo dialéctico entre o particular e o universal, ou seja, de *Regionalidade*. Dialécticamente indissociável de Universalidade (totalidade), Regionalidade (diversidade) entendida como carácter, domínio ou qualidade de ser regional, assume-se como chave de interpretação, num tempo distan-

te e num mais recente, de um pensamento projectual em Arquitectura português. (seabra P.264)

(...) “entendido como um conjunto de etapas e de procedimentos críticos, o Regionalismo, por um lado, revela o potencial operativo de Região e, por outro, ao apreender-se as suas aptidões teórico-críticas, converte-se num modelo de observação apto a declarar a oportunidade de Regionalidade enquanto chave de interpretação de um pensamento projectual contemporâneo na Arquitectura portuguesa.” (seabra P.255)

A Grande Beleza

“Os homens querem, simplesmente, cada um, e agora, ser salvos. Epicuro acode ao mais urgente: levanta o que Dostoievski chama “a bandeira do pão terrestre.””

Já longe de grandes ideologias e nobres movimentos sociais, sobra-nos “a bandeira do pão terrestre.” Um “Retrocesso cultural” com dia Bonnard, que exige o nosso pragmático realismo.

Retomando a “*Universalidade do desenraizamento*” de Bauman, e o “*Texto*” de Bakhtin, agora produzido desde referências incomensuráveis e multidões de imagens, sem lugar referenciável, sem contexto compreensível, numa ambivalência própria da contemporaneidade, acrescenta-se a referência de Miguel Seabra: “Resumindo, por um lado, o citar directamente e acriticamente elementos arquitectónicos familiares determina que o processo projectual não alcança uma função auto-reflexiva da realidade’ onde se estabelece e, por outro, o sincretismo enquanto processo de fusão, troca e de restabelecimento de identidades, determina sínteses híbridas pela junção de coisas díspares a favor do que delas é semelhante” (seabra P.257)

A resposta poderá passar pela *noção de Escala* do universo dialógico e Intertextual, de modo a conseguir essa *função auto-reflexiva da realidade, ou seja*, retomar valores referenciais para o “*Texto*”, como o “*Ready made*”, ou o “*texto reactivo*”, que não será mais do que a dita *função auto-reflexiva da realidade*.

Em conversas de Orientação do trabalho de investigação de Miguel Seabra, apareceu o termo “*Glocal*”: uma aglutinação dos termos “*Global*” com “*Local*”, no sentido de um entendimento diferente e muitíssimo mais complexo desta nova escala Regional, sempre determinada

desde a consciência e alguma dependência do Global. A Pandemia e agora a guerra na Europa estão a provar esta evidente necessidade de uma *aferição à escala* dos problemas e respostas, que tudo e todos serão chamados a resolver, como a Arquitectura também; a reflectir, reavaliar, reinventar, a projectar.



"Schiavi"La G.Academia de la Florencia
Michelangelo Buonarroti

Sobre essa inconclusiva *Grandiosidade da Beleza*, recorro a primeira vez que vi os "Os Escravos". de Michelangelo. Nestas estátuas inacabadas entende-se essa possibilidade da Beleza desde o bruto, desse o puro, numa certa clareza bela do processo da feitura, da poética da inteligência criadora. É "um processo" que reúne o que temos de maior valor poético, ético e social.



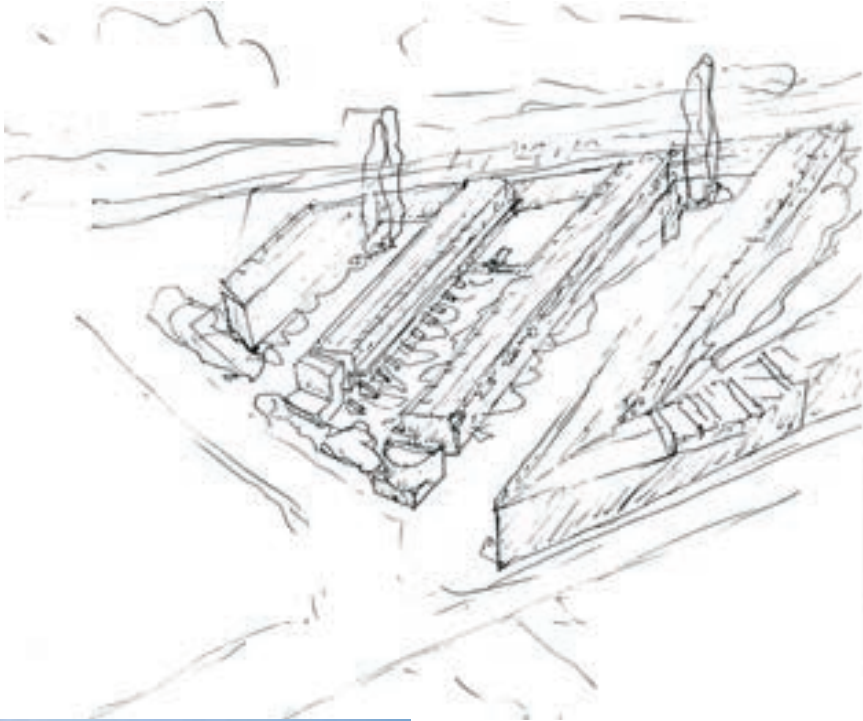
Siza em obra – Bouça 1974 Porto



Reunião de projecto com cooperativa de moradores

Em Portugal houve “um processo” ao encontro dessa Beleza. Uma nova geração de Arquitectos, como Álvaro Siza, projectou Habitação Social nos anos setenta do século passado como um processo Ético, Social e poético, que resultou em soluções extraordinárias de uma beleza realista e tremendamente humana, numa *resposta* que envolvia comunidades, políticos, arquitectos, sociólogos, urbanistas, todos nesse processo para dar casas aos que não tinham, aos que viviam em pobreza extrema. O Bairro da Bouça de Siza é um desses “*processos de Beleza*”. Recuperado há poucos anos por Siza, foi reajustado á realidade contemporânea da cidade do Porto, e recebeu novos habitantes, outras gentes que lhe deram futuro e que continuidade ao seu processo e beleza.

Talvez esta seja a *Grande Beleza* que a Arquitectura deve projectar.



Lisboa, Janeiro 2023
Ricardo Zúquete, Phd

em homenagem a Nuno Miguel Seabra

Notas

- 1- **André Bonnard**, (Lausanne, 1888/1959), intelectual da esquerda francesa, *senhor* das letras, académico e investigador, ficou mundialmente reconhecido pelas fabulosas traduções do pensamento filosófico grego, que escreve com uma elegância irrepreensível. Esta colecção conta com a preciosa ajuda de uma tradução do então promitente escritor José Saramago
- 2- **Mikhail Bakhtin** (1875-1975) foi um teórico russo, cujas ideias são pertença de todas as ciências humanas, linguística, literatura, religião, psicologia, antropologia e história social.
Entre todas as ciências humanas, na procura de um diálogo a que veio a chamar, "dialogia". Esta dialogia constituía-se como oposição á ideia de um espaço monológico proposto desde Decartes a Kant, até aos defensores do modernismo. É uma interpretação que propõe a partir da análise e avaliação crítica das fronteiras de todas as ciências humanas e da compreensão do seu diálogo, entendido como algo que sustenta qualquer *texto* artístico. Estas fronteiras e este diálogo, são o lugar da arquitectura e da sua essência. Desde o início da tradução dos seus trabalhos em inglês, que a compreensão da importância e significado desta proposta dialógica, influenciou as mais diversas disciplinas." *Art and Answerability*" é, á data, o último dos seus escritos traduzido e que corresponde ao início do seu trabalho, na sequência da revolução russa e de todo o seu contexto de debates, conferências e manifestos de época. Todos os ensaios que este volume contém, são essenciais para a compreensão do seu trabalho posterior. Ao longo da sua investigação, e muitas vezes sobre o mesmo tema, é notória a evolução do seu pensamento e propostas de reflexão.
- 3- Para o presente escrito, foram referência maior os escritos posteriores, e realizados numa fase mais avançada da sua investigação, como todos aqueles incluídos em "Speech Genres and Other Late Essays", e "The Dialogical Principle" de Tzvetan Todorov, que contém todas as principais referências que foram objecto de estudo e intenções do presente trabalho.
- 4- Bakhtin, Mikhail, ensaio "The Problem of the Text" publicado em "Speech Genres and Other Late Essays", University of Texas Press, Austin, Texas, 1996 USA.
- 5- Bakhtin, Mikhail, ensaio "The Problem of the Text", in op. cit.

- 6- Bakhtin, Mikhail, ensaio «The Problem of the Text» in op. cit.
- 7- Bauman, Zygmunt, como referido na sua obra “Modernidade e Ambivalência” relativamente á “construção social da ambivalência”.
- 8- Lefebvre, Henri, “La production de l’espace”, que acrescenta: *“Um esquema simplista afasta-se desde já, o da correspondência termo a termo (pontual) entre os actos e os lugares sociais, entre as funções e as formas espaciais. Esse esquema “estrutural”, porque é grosseiro, não deixou ainda de estar presente nas consciências e no saber. Gerar (produzir) um espaço social apropriado, no qual a sociedade geradora toma forma, apresentando-se e representando-se, embora esta não coincida com ele e o seu espaço seja tanto a sua cova como o seu berço, não se faz num dia. É um “processo”.*
- 9- **“Narrativas de Regionalidade** - Itinerários de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa”.

Faculdade de arquitectura - Universidade de Lisboa.

Doutoramento em Arquitectura Especialidade de Teoria e Prática do Projecto.

Nuno Miguel Pereira Coelho da Silva Seabra

https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/10736/1/Doutoramento_NMiguelSeabra_final_digital_.pdf

Bibliografia

Bakhtin, Mikhail, "Speech Genres and Other Late Essays", University of Texas Press, Austin, Texas, 1996 USA.

Bauman, Zygmunt, "Modernidade e Ambivalência", Relógio D'Água, Lisboa, 2007.

Bonnard André, "Civilização Grega – de Eurípedes a Alexandria", Ideias e Formas, Editorial Estúdio Cor, Lisboa, 1972.

Lefebvre, Henri, "La production de l'espace", Anthropos, Paris, 1986.

Seabra, Nuno, "Narrativas de Regionalidade - Itinerários de um pensamento projectual em Arquitectura na contemporaneidade portuguesa", Doutoramento em Arquitectura Especialidade de Teoria e Prática do Projecto, Faculdade de arquitectura - Universidade de Lisboa, 2015

Sorrentino, Paolo, "La Grande Bellezza", Realização Paolo Sorrentino, Argumento, Paolo Sorrentino, Umberto Contarello, 2013 Roma.

Todorov, Tzvetan, "The Dialogical Principal", University of Minnesota Press, Minneapolis, 1995. USA

Ilustrações

Bouça-fotografias do arquivo do Atelier Álvaro Siza

Bouça recuperada - 2006. Imagem © Fernando Guerra | FG+SG

Schiavi di Michelangelo - //www.accademia.org/it/esplora-il-museo/le-opere/i-prigionieri-schiavi-di-michelangelo/

Robert Mangold- <https://robertmangoldprints.com/art/imperfect-circle-no-2-yellow>